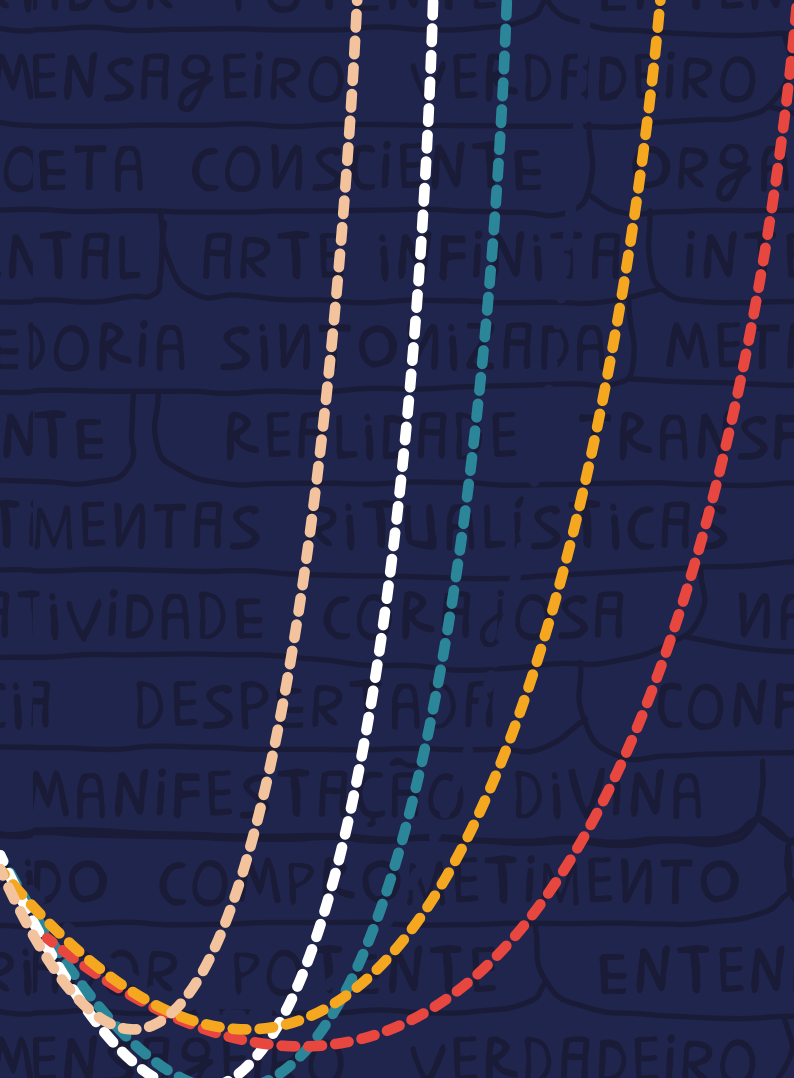




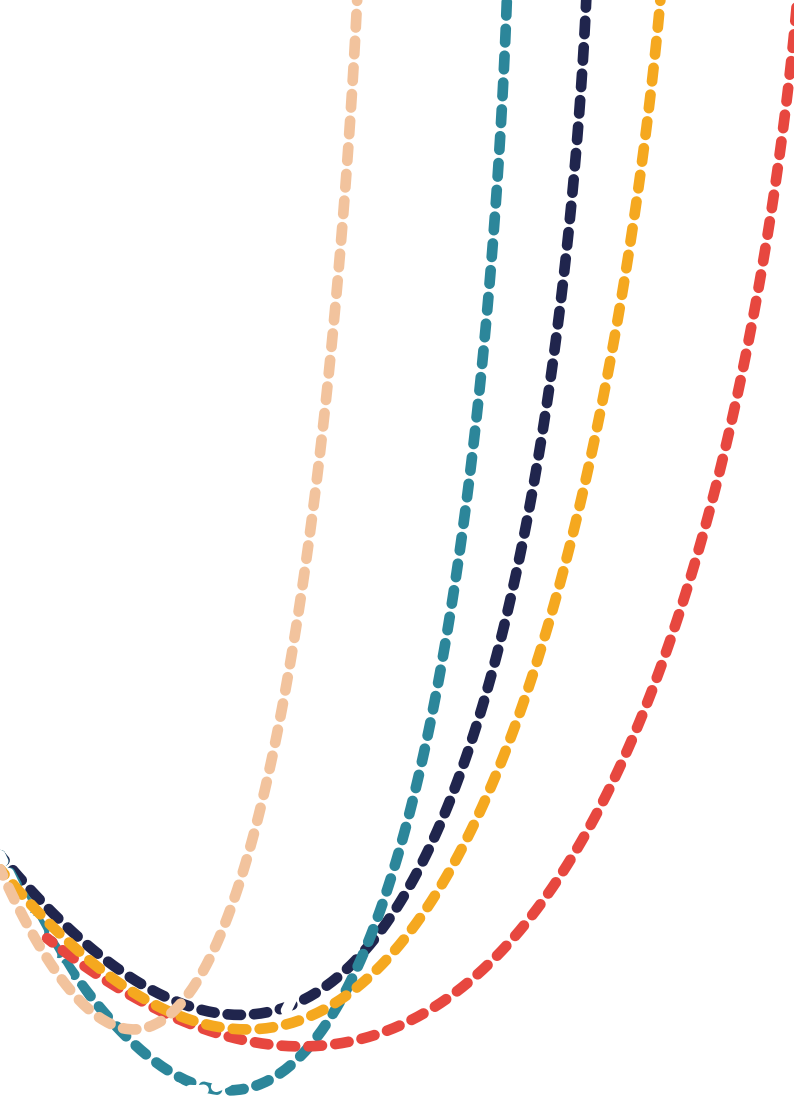
IX PRÊMIO ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

CATÁLOGO DE OBRAS VENCEDORAS



Conselho Regional de **PSICOLOGIA** SP





IX PRÊMIO ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO

CATÁLOGO DE OBRAS VENCEDORAS



Conselho Regional de **PSICOLOGIA** SP

XVII Plenário do CRP SP

Diretoria

Presidenta: Maria da Glória Calado (CRP 06/33194)
Vice-Presidenta: Mônica Cintrão França Ribeiro (CRP 06/20583)
Secretária: Ana Tereza da Silva Marques (CRP 06/141032)
Tesoureiro: Eduardo de Menezes Pedroso (CRP 06/122428)

Conselheiras/os Efetivas/os

Camila Andrade de Oliveira (CRP 06/94895)
Carlos Eduardo Mendes (CRP 06/153775)
Davi Rodriguez Ruivo Fernandes (CRP 06/118838)
Dreyf de Assis Gonçalves (CRP 06/55379)
Ione Aparecida Xavier (CRP 06/27445)
Janaina Darli Duarte Simão (CRP 06/47523)
Magna Barboza Damasceno (CRP 06/66384)
Maria da Piedade Romeiro de Araujo Melo (CRP 06/45952)
Maria da Glória Calado (CRP 06/33194)
Marta Eliane de Lima (CRP 06/94890)
Mayara Aparecida Bonora Freire (CRP 06/120511)
Talita Fabiano de Carvalho (CRP 06/71781)

Conselheiras/os Suplentes

Gabriela Alvim de Oliveira Freitas (CRP 06/149012)
Giseli de Fátima Assoni (CRP 06/72980)
Leonardo Maggi Gambatto (CRP 06/124424)
Wilson Flávio Lourenço Nogueira (CRP 06/53258)

Renúncias ao mandato

Annie Louise Saboya Prado (CRP 06/86192)
Carú de Paula Seabra Moreira Ribeiro (CRP 06/136173)
Fabiana Macena Luiz (CRP 06/148611)
Ivani Teixeira Mendes (CRP 06/42535)
Lilian Suzuki (CRP 06/27810)
Murilo Centrone Ferreira (CRP 06/142583)
Sônia Maria Motinho da Silva (CRP 06/12033)
Tayná Alencar Berti de Souza (CRP 06/83455)
Valeria Campinas Braunstein (CRP 06/31093)

Vacância por perda de mandato

Camila Prandini Prandini (CRP 06/157432)
Luciane de Almeida Jabur (CRP 06/66501)

Comissão de Direitos Humanos (CDH)

Camila Andrade de Oliveira (CRP 06/94895) | Presidenta
Ana Tereza da Silva Marques (CRP 06/141032)
Anna Carolina Alencar Betine (CRP 06/145832)
Bárbara Palloma dos Santos (CRP 06/122840)
Bruna Dias Batista (CRP 06/159849)
Carlos Eduardo Mendes (CRP 06/153775)
Davi Rodriguez Ruivo Fernandes (CRP 06/118838)
Fernanda Garcia Estevez (CRP 06/188300)
Francine Nunes Pinto (CRP 06/163628)
Gustavo Renan de Almeida da Silva (CRP 06/151764)
Ione Aparecida Xavier (CRP 06/27445)
Julia Vieira da Conceição (CRP 06/176738)
Kley Anderson de Moraes (CRP 06/120636)
Leonardo Maggi Gambatto (CRP 06/124424)
Luiz Fernando Rodrigues Novais (CRP 06/165953)
Maria da Glória Calado (CRP 06/33194)
Maria dos Prazeres do N. Loureiro (CRP 06/65378)
Maria Sueila da Silva Ferreira (CRP 06/145164)
Marília Rangel Machado (CRP 06/125114)
Marta Eliane de Lima (CRP 06/94890)
Thainá da Silva Costa (CRP 06/149425)

Ficha técnica

Exposição das obras vencedoras do IX Prêmio Arthur Bispo do Rosário

Realização

Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP SP)

Apoio

Casa de Cultura Marielle Franco e
Museu de Arte Osório Cesar (MAOC)

Comissão Organizadora

Janaina Darli Duarte Simão | Coordenadora
Nicoli Regina Duzi Barone
Ana Clara Consoni Mossini
Vanderlei Simão Marques Junior
Beatriz de Barros Fernandes
Tamiris Cristina Gomes Mazetto
Maria Sueila da Silva Ferreira
Lana Padovini Severino
José Ricardo Portela
Lucas Petronilho Negrão da Silva
Carolina Príncipe Lopes
Amanda Fernandes
Carlos Henrique Garcia Alvarez de Souza (Kayky Avraham)

Comissão Julgadora

Categoria Fotografia

Adriano de Lavour Moreira
Camila Daher Fink
Evandro Lopes Malgueliro

Categoria Esculturas, Instalações, Zines

Isabel Cristina Lopes
Filipe Jorge Doutel Teixeira Soares Ferreira
Samuel Bittar

Categoria Vídeos

Celso Renato Maldos
Luiz Carlos Vanderlei Soares
Rafaela Uchoa de Azevedo Borges

Categoria Pinturas e Ilustrações

Gilberto Gomes de Carvalho
Paulo Duarte de Carvalho Amarante
Pedro Henrique Choairy Pinto

Categoria Literatura

Leandra Brasil da Cruz
Maria Teresa Ferreira
Michelle Louise Guimarães da Silva

Curadoria

Janaina Darli Duarte Simão | Conselheira do CRP SP
Michelle Guimarães | Museóloga do Museu de Arte Osório
Cesar - PMFR

Projeto Expositivo e Expografia

Andre Cañada

Design Gráfico e Identidade Visual

Paulo Mota | Designer gráfico do CRP SP

Prefeitura Municipal de Franco da Rocha

Lorena Oliveira | Prefeita
Diego Hernandez | Vice-prefeito

Secretaria Municipal de Cultura

Jadilson Lourenço da Silva | Secretário de Cultura
Mariana Massonetto | Secretária Adjunta de Cultura
Edmar Almeida | Coordenador de Formação e Artes
Michelle Guimarães | Museóloga
Nicole Barros | Assistente de Coordenação
Elaine Althman | Coordenadora de Eventos
Adilson Almeida | Assistente de Eventos
Maria de Lourdes da Silva | Assessora
José Pedro Bastos Ramos | Chefe de Setor
Cemira Carneiro | Chefe de RH

Equipe de apoio do CRP SP

Lauren Mariana Mennocchi (CRP 06/90668) | Gerente
Técnico Política
Camila Cristina Furchi | Coordenadora de Apoio à Plenária
e às Comissões
Alexandre Ribeiro de Almeida | Profissional de Suporte
Administrativo
Caio Vinicius Infante de Melo (CRP 06/129237) |
Especialista técnico do Crepop
Júlia Santos Rocha e Lucas Alexandrino de Oliveira |
Estagiária/o do Crepop
Adolfo Barros Benevenuto | Coordenador de Tecnologia da
Informação
Rodolfo Lima Morandi | Profissional de Suporte Técnico

Equipe de Comunicação do CRP SP

Edson Ferreira Dias Junior | Gerente de Relações Institucionais
Tais Souza | Coordenadora
Arthur Rampazzo Roessle | Assessor de Projetos
Angelo Cuiassi e Gislaine Bueno | Jornalistas
Micael Nascimento e Paulo Mota | Designers Gráficos
Jeferson Geraldo Rodrigues e Viviane Doneda Martins
Marigo | Suporte Administrativo
Anisa Feliciano e Mário Lemos | Estagiária/o de Comunicação
Layza Vitória Macedo Araújo | Jovem Aprendiz

Realização



Apoio



Sumário

- 8 IX Prêmio Arthur Bispo do Rosário
- 9 Quem foi Arthur Bispo do Rosário
- 10 Curadoria

Obras vencedoras

11 Categoria Vídeos

- 12 **1º Lugar:** ESPERANÇA de autoria de Maximiliano Carvalho de Arcanjo, de São Paulo (SP). A obra foi criada em 2024 e o artista é vinculado ao Caps AD III Butantã.
<https://youtu.be/6ItvbPuPqes>
- 13 **2º Lugar:** O ARTISTA REBELDE de autoria de Renato Brito Cordeiro, de São Paulo (SP). O vídeo foi produzido em 2022 e o artista é vinculado ao CECCO Mooca.
https://youtu.be/_2ayjIpedtQ
- 14 **3º Lugar:** HÁ UMA PARTE DA VIDA de autoria de Cristiane Grando, da cidade de Cerquilha (SP). A obra, de 2024, consiste na gravação de um poema de autoria da própria artista. Ela é vinculada ao Caps II Cerquilha.
https://youtu.be/nzj_-q-1mfE
- 15 **4º Lugar:** SETE ANJOS COM VOZES CELESTIAIS de autoria de Paulo César Moreira, de São Paulo (SP). Trata-se de uma composição de samba sobre Arthur Bispo do Rosário, criada em 2024. O artista integra o Coral Cênico Cidadãos Cantantes.
<https://youtu.be/W-59oSikdBlk>
- 16 **5º Lugar:** A SAÚDE MENTAL E A EXPRESSÃO ARTÍSTICA de autoria de Jonas Ferreira Jovino, de São José do Rio Preto (SP). A obra é um documentário realizado em 2024 em parceria com a Casa da Cultura e a Secretaria da Cultura do município. O artista é vinculado ao Caps AD III Sul - Engenheiro Schmitt.
<https://youtu.be/IRxSYpHZJEM>

17 Categoria Pinturas / Ilustrações

- 18 **1º Lugar:** NOITE ETERNA de autoria de Alex Rodrigues Binhardi, de São José do Rio Preto (SP). A obra, realizada em tela para pintura, foi criada em 2024. O artista é vinculado ao Caps Infantil Sul.
- 19 **2º Lugar:** COBRA de autoria de Giovanni Felipe Paiva Moreira, da cidade de Santana de Parnaíba (SP). A obra é uma pintura em tela e o artista é vinculado ao CECCO Previdência.
- 20 **3º Lugar:** FILHOS DO SOL de autoria de Ayme Neumann de Oliveira, de Assis (SP). A artista é vinculada ao Caps AD Prof. Abílio da Costa Rosa.
- 21 **4º Lugar:** PRINCESA DO MORRO de autoria de Getúlio Aparecido Dias Bernardes, de São Paulo (SP). A obra foi criada em 2024 e o artista é vinculado ao Caps AD III Butantã.
- 22 **5º Lugar:** SOL AMARELO E SOL NEGRO de autoria de Amélia Monteiro de Melo, de São Paulo (SP). A obra foi produzida entre 2023 e 2024. A artista é vinculada ao Caps Itapeva.

23 Categoria Esculturas / Instalações / Zines

- 24 **1º Lugar:** A HISTÓRIA DO MENINO E DA MENINA AUTISTA de autoria de Raul Roberto Borges da Silva, de São José do Rio Preto (SP). A obra foi criada em 2024 utilizando a técnica de reciclagem de materiais. O artista é vinculado ao Caps Infantil Sul.
- 25 **2º Lugar:** HELP! de autoria de Marcos Molognoni e Jonathan Harold Sanches, da cidade de Santo André (SP). A escultura, criada em 2024, emprega técnicas de moldagem, pintura manual, colagem e escrita, com materiais como gesso, luva de látex e cano de PVC. Os artistas são vinculados ao Caps III Adulto Praça Chile.

26 3º Lugar: MARTHA GRAHAM de autoria de Rhayra Chagas Barbosa, de São José do Rio Preto (SP). A obra foi produzida em 2024 com as técnicas de recorte, colagem e pintura sobre papelão, cola, tinta e madeira. A artista é vinculada ao Caps Infantil Norte.

27 4º Lugar: O DRAGÃO de autoria de Willy Herrmann, da cidade de Nova Odessa (SP). A escultura foi criada em 2010 com a técnica de dobradura (origami) em papel Color Set. O artista é vinculado ao Caps Nova Odessa.

28 5º Lugar: PALAVRAS FEREM MAIS QUE FACAS de autoria de Daniela do Nascimento Correia e Lucas do Nascimento Correia, de Monte Mor (SP). A obra de 2024 é descrita como uma ilustração composta por vários elementos, com texturas em grafite e caneta hidrográfica. Os artistas são vinculados ao Caps Monte Mor e ao Hospital Nossa Senhora Mãe da Divina Providência.

29 Categoria Fotografias

30 1º Lugar: O RETRATO DO ACASO de autoria de Arlindo Donizete de Oliveira, da cidade de Ourinhos (SP). A fotografia foi realizada em 2024 e o artista é vinculado ao Caps II Dr. Paulo Corrêa dos Santos.

31 2º Lugar: MORA GENTE AQUI - O REFLEXO QUE A CIDADE QUER ESCONDER de autoria de Jorge Rodrigues de Oliveira, de Guarujá (SP). A obra de 2024 retrata a comunidade onde o artista reside, buscando dar visibilidade aos moradores e suas condições de vida. O artista é vinculado ao Caps II Guarujá.

32 3º Lugar: ESQUIZOFRENIA de autoria de Paulo César Moreira, de São Paulo (SP). A fotografia foi realizada em 2024 com um celular Samsung Galaxy J8 e aplicação de filtros. O artista integra o Coral Cênico Cidadãos Cantantes.

33 4º Lugar: PAZ NO INFINITO de autoria de Amanda Daflon, de São Paulo (SP). A obra foi criada em 2024 e a artista é vinculada à UBS Jardim Colombo.

34 5º Lugar: ESTRANGULAMENTO de autoria de Cristiane Grando, da cidade de Cerquilha (SP). A fotografia, vinculada ao Caps II Cerquilha, realizou a obra em 2024, mantendo sua preferência por pequenos formatos que convidam o observador a se aproximar.

35 Categoria Literatura (Poesias, Contos, Crônicas e Outros Textos)

36 1º Lugar: O FANTÁSTICO CIRCO RIMADO de autoria de Cláudio Alessandro de Souza, de São Paulo (SP). A obra foi criada em 2015, utilizando a técnica de aquarela e xilogravura em dimensões de 29,7 x 21 cm. O artista é vinculado ao Caps AD Butantã.

50 2º Lugar: OS ÚLTIMOS DEVANEIOS DE UMA MENTE SEM CORPO de autoria de Isabel de Souza Legrady, da cidade de Cosmópolis (SP). A obra foi produzida no ano de 2024.

54 3º Lugar: COLOS QUADRADOS de autoria de Amanda Helena Gimeno de Souza, de Bauru (SP). A obra, do gênero poesia, é vinculada ao Caps Girassol Bauru.

60 4º Lugar: E AGORA JOSÉ? de autoria de Leonardo Francisco de Oliveira Teodoro, de São Paulo (SP). A obra foi criada em 2019 e o artista é vinculado ao Caps III Brasilândia.

64 5º Lugar: SEM EU MESMA. de autoria de Danielle Marchioro Lima, de Santo André (SP). A obra, criada em 2024, é um texto que tem como referência a obra "Sem Ana, Blues", de Caio Fernando de Abreu. A artista é vinculada ao Caps Praça Chile.

IX Prêmio Arthur Bispo do Rosário

O prêmio, iniciativa do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP SP) visa identificar, valorizar e divulgar obras de artistas usuárias e usuários de serviços de saúde mental autodeclarados residentes no estado de São Paulo. Visa também fortalecer o compromisso da Psicologia na defesa da garantia de direitos dos usuários dos serviços de saúde mental e pessoas em sofrimento psíquico e das políticas antimanicomiais. Entende-se que a valorização da arte produzida pelas pessoas nesse contexto colabora na desconstrução do estigma da loucura como um atravessamento incapacitante e excludente da vida em sociedade.

Ao todo, nesta edição, **445 obras foram inscritas** na premiação ao longo do período de 5 de julho a 7 de outubro de 2024. No mesmo período, **seis subsedes do CRP SP realizaram 33 oficinas** para apoiar a participação de usuários de serviços de saúde mental no prêmio.

As oficinas, que foram ofertadas em diferentes Centros de Atenção Psicossocial (Caps) nos municípios e nas subsedes, oportunizaram a produção de obras para inscrição no IX Prêmio Arthur Bispo do Rosário, realizado pelo CRP SP.

Os temas artísticos desenvolvidos nas oficinas foram vídeo, pintura e escrita. **Cerca de 380 obras foram produzidas** ao longo das oficinas. Todas/os as/os 574 participantes foram incentivadas/os a se inscrever no prêmio com as obras criadas. Todas as diretrizes do prêmio podem ser acessadas em: **crpsp.org.br/premio**

Quem foi Arthur Bispo do Rosário

O nome da premiação é uma homenagem a um artista que, mesmo em condições adversas, tornou-se referência para o mundo das artes: o sergipano **Arthur Bispo do Rosário (1911-1989)**. Considerado um artista de vanguarda, criador de objetos tridimensionais e precursor do que viria se chamar instalação, suas obras já foram expostas em grandes museus do Brasil e do mundo.

Internado no dia 25 de janeiro de 1939 na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, viveu cinco décadas trancafiado. Negro, solteiro, de naturalidade desconhecida, sem parentes, sem profissão e com antecedentes criminais, foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide.

Na Colônia, produzia mantos e estandartes, bordados e miniaturas recobertos por fio azul, que obtinha desfiando o uniforme usado pelas pessoas institucionalizadas. No início dos anos 60, morou isolado no sótão e desenvolveu grande parte de sua produção. Durante os 25 anos ininterruptos que passou sem sair do manicômio, produziu 804 obras.

Assista ao vídeo sobre o
IX Prêmio Arthur Bispo do Rosário



Curadoria

Arthur Bispo do Rosário foi um artista brasileiro conhecido por sua obra única e expressiva, que mistura elementos de arte, religiosidade e autobiografia.

Ele nasceu em 1909 no Rio de Janeiro e passou grande parte de sua vida internado em hospitais psiquiátricos. Durante esse período, ele criou uma vasta coleção de obras, muitas delas feitas com objetos encontrados, como roupas, utensílios e materiais diversos, que ele transformava em peças de arte com um significado profundo e simbólico. Sua obra é reconhecida por sua originalidade e por representar uma forma de expressão de alguém que viveu experiências de sofrimento psíquico, mas que também demonstrou uma criatividade extraordinária. Arthur Bispo do Rosário é considerado um importante nome na arte brasileira e um símbolo de resistência e expressão artística de pessoas em sofrimento psíquico.

O prêmio Arthur Bispo do Rosário tem um papel de valorizar e divulgar as obras de artistas que usam os serviços de saúde mental, ajudando a fortalecer o compromisso da Psicologia na defesa dos direitos dessas pessoas. Além disso, ao valorizar a arte produzida por elas, essa ação contribui para desconstruir o estigma da loucura, promovendo uma visão mais inclusiva e humanizada da vida em sociedade. É uma forma poderosa de reconhecer a criatividade e a expressão desses usuários, ajudando a combater o preconceito e a promover a autonomia e o respeito.

A presente exposição apresenta as obras contempladas pelo IX Prêmio Arthur Bispo do Rosário. A realização desta exposição em Franco da Rocha carrega um significado muito especial, pois a cidade é um marco histórico na área da psiquiatria no Brasil. Franco da Rocha abriga o Complexo Hospitalar do Juquery, fundado no final do século XIX, que por décadas representou avanços e desafios na trajetória da saúde mental, sendo palco de importantes debates e tensões sobre os modelos terapêuticos e a humanização do cuidado psiquiátrico.

A Prefeitura de Franco da Rocha também administra o Museu de Arte Osório Cesar, que conserva um acervo de obras feitas por internos do Juquery ao longo do século XX. Nos seus primórdios, esse acervo foi organizado por Osório Cesar, médico e crítico de arte pioneiro da arteterapia no Brasil, que em 2025 completaria 130 anos. Esta data é uma oportunidade para celebrar sua atuação, iniciada nos anos 1920, que estimulou a presença da arte no ambiente hospitalar — um legado vivo que pode ser percebido nas obras exibidas no prêmio.

Dessa forma, o Prêmio Arthur Bispo do Rosário reafirma o valor da arte como expressão e resistência, dando continuidade aos legados transformadores de Arthur Bispo do Rosário e Osório Cesar.

Janaina Darli Duarte Simão (Conselheira do CRP SP)
Michelle Guimarães (Museóloga do Museu de Arte Osório Cesar - PMFR)



Esperança

Maximiliano Carvalho de Arcanjo
São Paulo (SP) – Caps AD III Butantã



O artista rebelde

Renato Brito Cordeiro
São Paulo (SP) – Cecco Mooca



Há uma parte da vida

Cristiane Grando

Cerquilha (SP) – Caps II Cerquilha



Sete anjos com vozes celestiais

Paulo César Moreira

São Paulo (SP) – Coral Cênico Cidadãos Cantantes



A saúde mental e a expressão artística

Jonas Ferreira Jovino

São José do Rio Preto (SP) – Caps AD III Sul – Engenheiro Schmitt

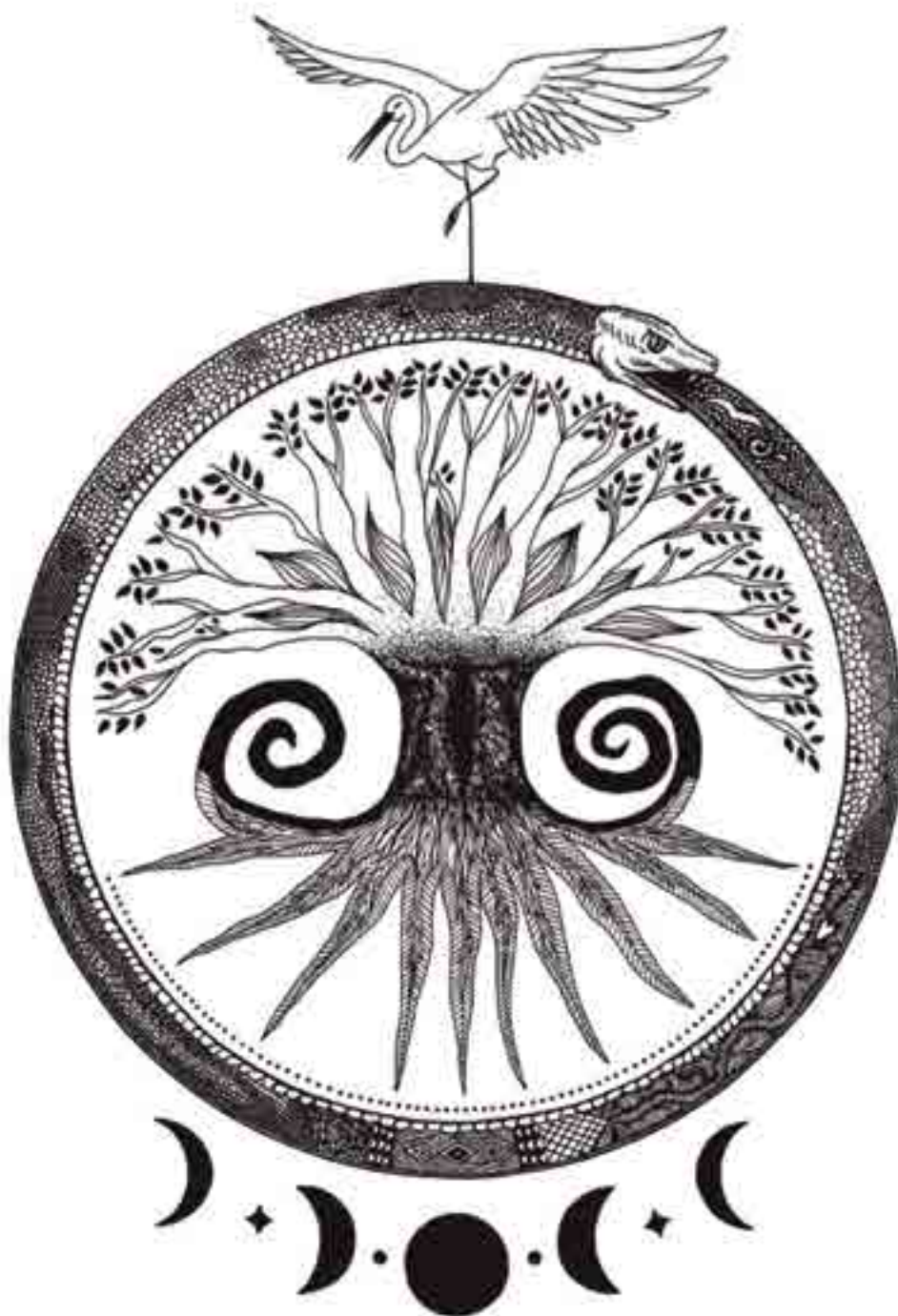
[illegible]



Noite eterna

Alex Rodrigues Binhardi

São José do Rio Preto (SP) – Caps Infantil Sul



Cobra

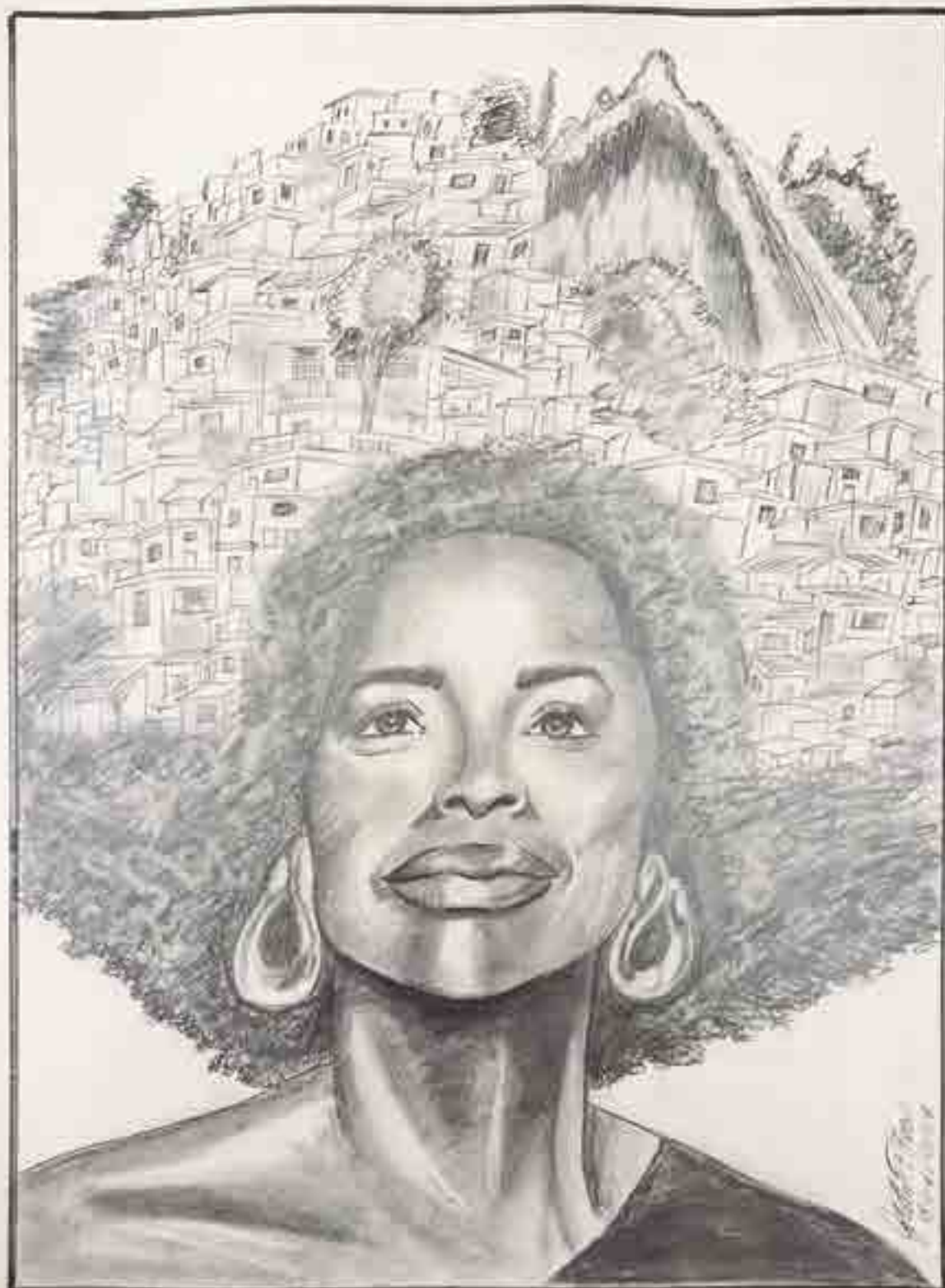
Giovanni Felipe Paiva Moreira
Santana de Parnaíba (SP) – Cecco Previdência



Filhos do sol

Ayme Neumann de Oliveira

Assis (SP) – Caps AD Prof. Abilio da Costa Rosa



Vicci Travis

Princesa do morro

Getúlio Aparecido Dias Bernardes

São Paulo (SP) – Caps AD III Butantã



Sol amarelo e sol negro

Amélia Monteiro de Melo

São Paulo (SP) – Caps Itapeva



A história da menina e da menina autista

Raul Roberto Borges da Silva

São José do Rio Preto (SP) – Caps Infantil Sul

Técnica usada: reciclagem de materiais

Tamanho da obra: 100 cm (altura) x 100 cm (comprimento) x 100 cm (largura)



Help!

Marcos Molognoni e Jonathan Harold Sanches

Santo André (SP) – Caps III Adulto Praça Chile

Técnica usada: moldagem, pintura manual, cola, escrita

Tamanho da obra: 92 cm (altura) x 100 cm (comprimento) x 86 cm (largura)



Martha Graham

Rhayra Chagas Barbosa

São José do Rio Preto (SP) – Caps Infantil Norte

Técnica usada: recorte, colagem e pintura sobre papelão, cola, tinta e madeira

Tamanho da obra: 51 cm (altura) x 30 cm (comprimento) x 16 cm (largura)



O dragão

Willy Herrmann

Nova Odessa (SP) – Caps Nova Odessa

Técnica usada: dobradura (origami) em papel Color Set

Tamanho da obra: 15,5 cm (altura) x 28 cm (comprimento) x 23,5 cm (largura)





O retrato do acaso

Arlindo Donizete de Oliveira

Ourinhos (SP) – Caps II Dr. Paulo Corrêa dos Santos



Mora gente aqui – o reflexo que a cidade quer esconder

Jorge Rodrigues de Oliveira

Guarujá (SP) – Caps II Guarujá



Esquizofrenia

Paulo César Moreira

São Paulo (SP) – Coral Cênico Cidadãos Cantantes



Paz no infinito

Amanda Daflon

São Paulo (SP) – UBS Jardim Colombo



Estrangulamento

Cristiane Grando

Cerquilha (SP) – Caps II Cerquilha

[illegible]

O fantástico circo rimado

Cláudio Alessandro de Souza

São Paulo (SP) – Caps AD Butantã



O FANTÁSTICO CIRCO RIMADO

de Cadu Souza

DIA DESSES UM CACHORRO

~~APARECEU~~ ~~FOI~~ ~~PARAR~~
~~SUGUIR~~ ~~NO~~ ~~MEU~~ ~~PORTÃO~~

TÃO MAGRINHO E FÉDORENTO

DE PARTIR O CORAÇÃO
* PLIU, TOITO ~~DESSENTADO~~
~~TAO~~ ~~TRISTE~~ ~~E~~ ~~MALHADO~~

OLNARZINHO DE PILÃO

* TÃO FOFINHO E

MAL CHAMEI ELE PRA DENTRO

DESSENTADO

O DANADINHO SE ANIMOU

LIBEIRINHO

LEVANTO BEM ~~MAZUOLANHA~~

* O RABINHO BALANÇOU

TÃO CONTENTE ~~O~~ ~~FEU~~ ~~DINHO~~ FICOU ELE

~~FICOU~~ TÃO CONTENTE O BILHO

ENTE SUAS PURGA FESTEJO

PUS COMIDA NUM PRATINHO

~~ELE~~ FOI AQUELA

FEU A COMILANCA

COMEU JUNTO COM AS

~~COMUNIDADES~~ PURGUINHA

TODOS MUNDO ENCHEU AFANHA

NO FINAL DERAM UM ARROTO

QUE ~~COMUNIDADES~~ A VIZINHANÇA

ASSUSTOU

~~VA~~ FALTA AGORA UM BANHO

~~E~~ ~~PR~~ SONECIA ELE TIRAR

~~CA~~ FICAR BEM CHETROSINHO

~~E~~ FINALMENTE RELAXAR

LA FOI ELE E A PURGAIADA

NO ~~RATINHO~~ SE LAVAR

~~PURCH~~ RIZINHO

UMA
GOTINHA
DE ALFAZEMA
PINGA AQUI

Dia desses um cachorro
Foi pará no meu portão
Tão magrinho e fedorento
De partir o coração
Meio troncho e desdentado
Olharzinho de pidão

Mal chamei ele pra dentro
O danadinho se animô
Levantô bem ligeirinho
O rabinho balanceô
Tão contente ficou ele
Inté suas purga festejo

Pus comida num pratinho
Foi aquela comilança
Comeu junto cas purguinha
Todo mundo encheu a pança
No final deram um arrote
Que assustou a vizinhança

DEPOIS DESSA "ARROTINHO" ARROTADA
VOLTOU LOGO BEM LIMPINHO

● UM BOCEJO ELE COLTOU
UMA, DUAS, TRÊS VOLTINHAS
● NOS MEUS PÉS SE ACOMODOU
DEU UM SUSPIRO ^{BEM} PROFUNDO
~~VEU SE O QUE ELE SONHAVA~~
E DORMINDO ELE
~~ACORDOU E ENTÃO SONHOU~~



E QUE SONHA TÃO BONITO
~~LOGO~~ VIBRANTE
COLORIDO E EMOCIONANTE
NINGUEM SABE SE FOI LONGO
~~LOGO~~ SE PASSOU ~~EM~~ NUM INSTANTE
SÓ SE SABE QUE FOI LINDO
~~ENUSCANTADO BASTANTE~~
ENGRACADO E ~~ATÉ ENGRACADO~~
EMOCIONANTE

NO SEU SONHO O CACHORRINHO

● TAVA EM PÉ NUM PICADEIRO

● A LUZ FORTE DO HOLOFOTE
~~ILUMINOU A~~ ~~QUADRA~~ MÚSTRA
~~ILUMINOU~~ SEU CORPO INTEIRO

● E SUA VZ NO MEGAFONE

~~AAHAA LALA~~ EM TOM FESTEIRO
DECLAMAVA

SALVE SALVE POVO AMIGO

~~HOJE VAMOS CELEBRAR O DIA DO~~
~~TRABALHADOR~~

~~HOJE VAMOS CELEBRAR O DIA DO~~

~~TRABALHADOR~~

~~HOJE VAMOS CELEBRAR O DIA DO~~

A UMA NOITE DE ~~AMANHÃ~~ MARÇOS

NOSSE CIRCO LHE S

PARA ABRIR SEUS ~~OLHOS~~ CONVIDA
CORACÃO



Depois dessa arrotada
Um bocejo ele soltou
Uma, duas, três voltinhas
Nos meus pés se acomodou
Deu um suspiro bem profundo
E dormindo ele sonhou

No seu sonho o cachorrinho
Tava em pé num picadeiro
A luz forte do holofote
A mostrar seu corpo inteiro
E sua voz no megafone
Declamava em tom festeiro

“Salve, salve, povo amigo
A uma noite de atrações
Nosso circo lhes convida
Para abrir seus corações
Vai ter riso, choro e medo
Sacudindo as emoções

VAI TER RISO, CHORO E MEDO
 PRO MEU LOAS ~~EMOÇÕES~~
 SACUDINDO AS EMOÇÕES
 (O PRIMEIRO DO ARTISTA)
 A ADENTRAR O PICADEIRO
 DA BUNDINHA
~~DO~~ DO CACHORRO
 QUE IMITAVA UM CAMARIM
 FOI SAINDO ~~UMA PURGA~~
 A PURGADA



SOB O SOM DE UM CLARIM (SOM CLARIM)
 ACENAVAM
 ACENANDO PRA PLATÉIA
 E A ALEGRIA ERA SEM FIM
 NA FANFARRA



TINHAM PURGA BAILARINA
 E TRÊS PURGAS TRAPEZISTAS
 UMA PURGA BEM MUSCULOSO
~~UMA PURGA~~ OUTRAS 3
~~UMA PURGA~~ MALABARISTAS
 TUDO VINHAM SALTANDO
 E TAMBÉM PURGAS - PALHAÇOS
~~SEUS SUZOS PULCERES~~
 E ESSES ERAM OS ARTISTAS



~~A PRIMEIRA DOS ARTISTAS~~
~~A PRIMEIRA DO PICADEIRO~~
~~FORAM TRÊS PURGAS TRAPEZISTAS~~
~~FOI A PURGA BAILARINA~~
~~EMOCIONANDO E PULCERES~~
~~DO AS GRACIOSAS PIRUETA~~

MÚSICA

QUEM VEMIA DE REPENTE SURGE
~~QUEM VEMIA~~ LA VEMIA ECA
~~QUEM VEMIA~~ RODOPIANDO BAILARINA
 PELO VENTO GRREGADA
 COM A GRACA E A BELEZA POESIA
 DE UMA FLOX PRESENTEADA
 A PURGUINHA ~~SAIA~~ DANÇACINHA
 PELA POX ORCANDO PARCENA UMA FLOX



Da bundinha do cachorro
Que imitava um camarim
Foi saindo a purgaiada
Sob o som de um clarim
Acenando pra plateia
A alegria era sem fim

Tinha a purga bailarina
E três purgas trapezistas
Um purgão bem musculoso
Outras três malabaristas
E também purgas palhaço
Essas eram as artistas

La vem nossa bailarina
Pelo vento carregada
Com a graça e a poesia
De uma frõ presenteada
A purguinha dançarina
Parecendo uma fada

Música antes de cada Atrecho!!!



Sempre linda e sorridente
Com seus passos se exibindo
Fez o povo se alegrá
E até sonhá sem tá dormindo
Véios, jovens e crianças
Todo mundo lhe aplaudindo

Vem a próxima atração
Adentrando o picadeiro
Três purguinhas trapezistas
Saltitando o tempo inteiro
Pulam juntas pro trapézio
Silenciando o circo inteiro

Enfrentando a fria morte
Como os anjos nas alturas
Elas levam a plateia
Para grandes aventuras
Se jogando lá do alto
Demonstrando sua bravura

Um purgão bem bigodudo
Cabelão todo lustroso
Quatro pernas das fortona
E dois braço musculoso
Adentrou o picadeiro
Com seu ar de poderoso

E diante da plateia
Demonstrou o seu valor
Levantou um cotonete
Com a força de um trator
A plateia delirava
E gritava em seu louvor

NESSO INSTANTE ENTRA EM CENA
ALHANDO PROS PRESENTES
~~OS Nossos 3 MALABARISTAS~~
TODAS ~~ELAS~~ ~~COM~~ SORRIDENTES
UMA DELAS, INCLUSIVE BONITINHA
TINHA NO TODO ~~DOIS~~ DENTES
SO 2



A PRIMEIRO SE EXIBIA
COM BOLINHAS PELO AR
A SEGUNDA EM SUA TESTA
UM PIOLHO A EQUILIBRAR
E A TERCEIRA, PREGUIÇOSA
ESTAVA ALI SÓ PARA OLHAR



FINALMENTE PRA ENCERRAR
ESSA ~~NOITE~~ ~~DE~~ EMBOÇAS

~~ENCERRAM~~ ~~OS MALABARISTAS~~ ~~PAUHAOS~~ ~~MAKIC~~
VEM CHEGANDO AS
PAIACINHA

AGUARDADAS ATRACÇÕES
~~PRATEADO~~ ATRAZER
~~PRATEADO~~ MUITAS RISADAS
SACUDINDO OS BARRIGÕES



UMA DELAS SE AGAIÇA
NA ~~NA~~ ~~QUANTO~~ ~~NO~~ ~~CHÃO~~ ~~CHÃO~~
VEM A OUTRA NA SUA BUNDA
DE UM ~~MOBATA~~ DE UM
~~LOBO~~ ~~DE~~ ~~CHUTAS~~

AS RISADAS DA PLATÉIA
SURTEM FEITO UMA EXPLOSAO

TERMINADA ESSA FOLIA
A CORTINA SE FECHOU
PRA UMA OUTRA SE ABRIR
LOGO OUTRA SE ABRIU
O ~~CAZINHA~~ DO GUINHO
PARECIA ESTAR CORRINDO
SE LEMBRANDO O QUE SENTIU



Nesse instante entra em cena
Acenando pros presentes
Nossas três malabaristas
Todas elas sorridentes
Uma delas, tao fofinha
Tinha ao todo só dois dentes

A primeira se exhibia
Com bolinhas pelo ar
A segunda em sua testa
Um piolho a equilibrar
E a terceira, preguiçosa
Tava ali só pra olhar

Finalmente pra encerrar
Essa noite de emoções
Vem chegando as paiaçinha
Aguardadas atrações
A trazer muitas risadas
Sacudindo os barrigões

Uma delas se agaicha
Co nariz quase no chão
Vem a outra e na sua bunda
Dá um baita de um chutão
As risadas da plateia
Surgem feito uma explosão

Terminada essa folia
A cortina se fechou
Pra uma outra se abrir
O doguinho acordou
Parecia estar sorrindo
Alembando o que sonhou

PICCOLINO

E FOI L' NESSE MOMENTO
QUANDO EU ^{LHE} OBSERVAVA

QUE PERCEBO UMA COLEIRA

QUE O CADINHO ^{DE TELA DO} ~~ESTAVA~~ ^{ESCRITO} ~~EM~~ ^{EM} ~~UMA~~ ^{EM} ~~ALTA~~ ^{ALTA} ~~ESCRITAVA~~

PRÁ
EU CHAMEI ELE ~~PERTO~~ PERTO

FINALMENTE EU PUDE LER

← PICCOLINO ESTAVA ESCRITO

ISSO EU PUDE PERCEBER

~~QUE~~ MESMO UM CÃO ARTISTA

QUE COMIGO VAI VIVER

~~UMA INSCRIÇÃO~~ ^{QUE} ~~APARECE~~

Tinha NEGA

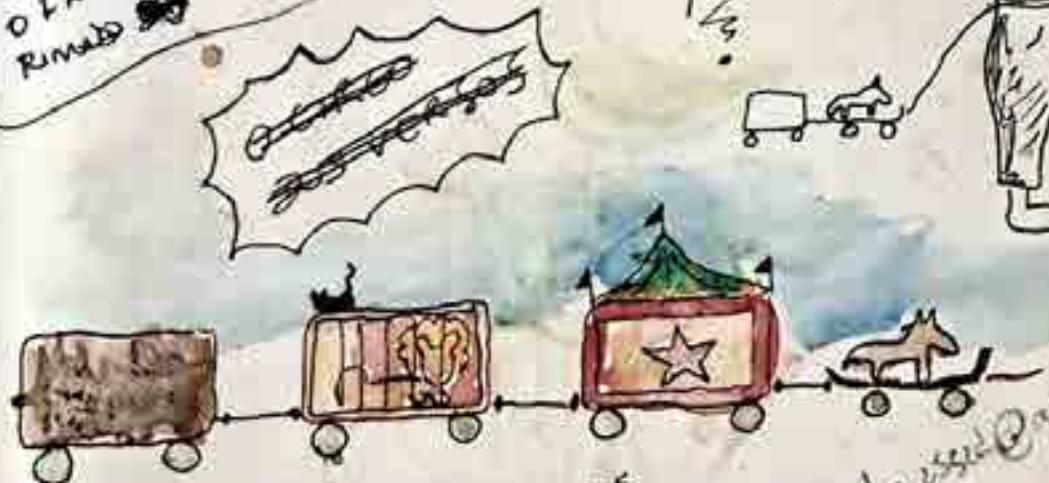
UMA INSCRIÇÃO

~~QUE~~ ^{POUCO} ~~POUCO ^N~~

QUE O TEMPO
A CONSERVAVA

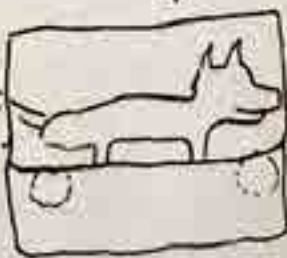
O FANTASIO CIRCO
Rimado

CADU
SOUZA
03/01/15



♪ O CIRCO CHEGOU NA CIDADE
TRAZENDO MUITOS ANIMAIS
E AGORA VOU CONTAR PRA VOCÊS
COMO É QUE ELE É.

pedro.assis@ig.com



E foi só nesse momento
Quando eu lhe observava
Que percebo uma coleira
Que o cãozinho ostentava
Tinha nela uma inscrição
Que o tempo conservava

Eu chamei ele pra perto
Finalmente eu pude ler
Piccolino tava escrito
Isso eu pude perceber
Ele é mesmo um cão artista
Que comigo vai viver

FIM

**Os últimos devaneios
de uma mente sem corpo**

Isabel de Souza Legrady

Cosmópolis (SP)

Os últimos devaneios de uma mente sem corpo

Isabel Legrady

Dizem que, em nossos últimos minutos, a vida passa diante de nossos olhos.

Que clichê.

Em meus últimos momentos, meus últimos suspiros nesta Terra, eu só consegui olhar para mim mesma. Assim como em vida, sondando, analisando, *julgando*.

Sondando a sonda, acima de tudo, a maldita sonda que enfiaram (de novo) em minhas narinas, assim que pisei (de novo) nesse prédio estéril e miserável. É quase cômica esta última tentativa de colocar algumas calorias em meu corpo cadavérico. Apenas seres vivos podem ser nutridos, e eu estou morta há algum tempo.

Morri quando riram de mim pela minha barriga arredondada infantil, enquanto todas as outras garotas já tinham seu peso redistribuído para cima, e percebi que o tempo não corria para mim na mesma velocidade do que para elas. Morri quando me obrigaram a usar sapatilhas de ponta inadequadas para os meus pés — porque não se importaram em medi-los — e quando quebraram minha bacia, forçando uma flexibilidade que eu ainda não conseguia atingir. Quando olhei para minha mãe, sempre lutando contra a balança, e quando os números nas minhas pesagens não paravam de subir. Quando me tocaram de maneiras que eu não permiti e depois disseram que eu estava mentindo, pois ninguém desejaria alguém como eu.

Morri quando olhei no espelho e reparei que nunca cheguei a me reconhecer completamente nesta forma que habito... todas as oitocentas e quarenta e duas milhões de vezes em que encarei aquele ridículo vidro refletor que insistia em caçoar de mim. “*Ainda não*”, ele sussurrava, com sua voz vil e adocicada; e a balança respondia, “*Só mais um pouquinho*”, dando uma risadinha. E eu era embalada por esse falatório, que fazia sinfonia com o som de meu estômago roncando. E cambaleava, embriagada pela tontura esfomeada que eu confundia por uma dança, tal qual as coreografias que nunca tive dificuldade em decorar, até minha memória ficar cada vez mais falha. Sentir fome nunca era ruim, pois significava que eu estava conseguindo. *Conseguindo o quê, exatamente?*

Eu ainda estava crescendo e me desenvolvendo, eu sei. Crianças podem ser maldosas, eu sei. As crueldades às quais fui submetida não foram minha culpa, eu sei. Mas fui eu quem tive de viver com as marcas do que fizeram comigo, e com o fardo de não ser boa o suficiente, e a constante busca pela perfeição, e o ódio a mim mesma, e a pena de mim mesma, e a tristeza por mim mesma, e eu me obrigo a passar fome pois finalmente descobri que sou a única senhora de meu corpo e eu faço com ele o que bem entender.

Até me matar.

Um coração partido nunca matou ninguém, dizia a minha avó. Do que eu posso chamar este meu coração desnutrido, então, que decidiu parar por não suportar mais o sofrimento que carreguei comigo por todos esses anos? Não fui eu quem escolheu este destino — não necessariamente, pelo menos. Eu me afastei das drogas, das lâminas, das cordas, enquanto todos esperavam que fosse isso que acabaria comigo. Eu tentei, é claro, mas ninguém precisava saber, assim como não eram obrigados a saber o quanto eu estava comendo. Só que eu não queria morrer, não *de novo*, não *de verdade*, não *para valer*.

Se eu morresse, nunca mais encontraria o prazer em ver minhas costelas e clavículas em protuberância. Nunca mais dormiria feliz porque meu peso não flutuou durante o dia. Nunca mais compraria roupas menores ainda, porque as anteriores já não serviam mais. Eu estava chegando lá. *Chegando aonde, exatamente?*

Eu morri em vida e agora não quero que meu corpo morra, de fato; porém não há nada que eu possa fazer para impedir minha corrida inevitável em direção ao desconhecido. Eu me pergunto se, do lado de lá, existem espelhos e balanças e corpos diferentes uns dos outros. Será que, no além-vida, somos todos gosmas voadoras no universo infinito? Eu preferiria ser uma gosma.

Será que minha mãe vai chorar? Será que se sentirá culpada por me ensinar, sem querer, o que era um quilograma e por que ele importava? Não quero que chore por mim. Eu

não era uma filha tão boa, assim, de qualquer modo. Será que meus colegas sentirão pena e dirão o quão bonita eu era antes de adoecer? Quantos deles virão ao meu funeral? Ainda tenho algumas amigas, eu acho, as poucas que não se cansaram das minhas ausências constantes porque todas as saídas envolviam comida. Será que minhas professoras exaltarão meu potencial, que infelizmente não fui capaz de atingir? Eu tentei, elas sabem que tentei, mas, ah!, se eu fosse um pouco mais *disciplinada*.

Elas nunca saberão o quanto eu amei comida, a ponto de me proibir de consumi-la, pois sabia que não conseguiria parar. É dedicação o suficiente para vocês? Agora, olho para o meu corpo e vejo apenas kiwis e sopa de aipo e suco de couve. Eu odiava kiwi, aipo e couve, por isso comia. Agora odeio meu corpo por este motivo, também; por estar meio-cheio só de alimentos que detesto e por não ter se sustentado apenas com a pouca quantidade deles que eu me permitia ingerir. *Idiota*. (O corpo, ou eu?)

Eu sempre soube que essa era uma missão impossível, é claro, mas a adrenalina de mais um dia bem-sucedido me impulsionava a continuar. *Continuar para onde, exatamente?*

De todo modo, nunca quis ajuda; até agora, em meus últimos segundos, gostaria que as enfermeiras parassem de encostar em mim, preparando-me para o médico que irá tentar ressuscitar meu coração. “*Desistam*”, eu quero dizer. “*Esta garota estava morta ao chegar. Ela nunca teve qualquer chance.*”

Eles continuam manipulando meu corpo, que nunca foi meu de verdade. Será agora, o momento em que me arrependo dos meus erros, da minha ingratidão pelo pão de cada dia, e prometo ser uma pessoa melhor? Será que vou transformar minha história de lamentos e autoflagelo em uma narrativa inspiradora? Talvez eu saia no noticiário. Se eu escrever um livro, será que o adaptarão a um filme?

Um choque, dois choques, três choques. Minha mãe aparece chorando no canto do quarto. Eu vou morrer. Tudo isso foi para nada.

Inadvertidamente, vou me afastando cada vez mais de meu corpo inerte.

Finalmente, livre deste peso.

Talvez um pouco de paz, enfim...

Dizem que, nos nossos últimos minutos, a vida passa diante de nossos olhos.

Que clichê.

Em meus últimos momentos, meus últimos suspiros nesta Terra, eu só consegui olhar para mim mesma.

Assim como em vida, sondando, analisando, julgando...

De novo e de novo e de novo...

Colos Quadrados

Amanda Helena Gimeno de Souza

Bauru (SP) – Caps Girassol Bauru



COLOS QUEBRADOS

Autora: Amanda Helene

Há mil caminhos para o antissonho,
eu não quero pegar nenhum deles.
Quando nasci e cheirei o primeiro éter...

Meu Deus, meu Deus.

Quando nasci amarela, oito meses — a pressa.
Deitei numa caixa acrílica, banho de luz.
Ganhei a primeira caixa — oxalá fosse a derradeira...

Na escola, uma caixa de giz de cera para serem usados na figura certa:
andar de fileira,
silenciar pra bandeira.

Ô, tristeza do Jeca!
Um parque todinho lá fora
era usado num quarto de hora,
minhas pequenas pernas balançando tediosas embaixo da carteira.

Meu Deus, meu Deus!

Saí batida do pré e a fila continuou.
Não dava pra dar ré

: comecei a virar robô.

Nesse ínterim,
já havia mil planos pra mim.
Usava caderno de caligrafia — hoje tenho letra bonita,
mas foi à custa de muitas réguas na mão:

agora,
a malvada tecnologia
leva as cursivas em vão.

Passei pela caixa da quinta série,
antes disso, com presença marcante na terceira série C
(a sala dos devagares, gente ruim de aprender).

Ah, que insucesso,
saí sem fazer a divisão!

Aprendi dividir fazendo redação.
É coisa do sonho dividir quando se vê um irmão;
antissonho é dividir com chave, com fórmula,
dividir
sem coração.

Entrei pra oitava, mais uma etapa:
tudo foi importante pra aprender onde me encontro no mapa,
quem foi quem na história,
qual é a real?
qual é a abstrata?
Mas quanta raiz deixei
em mesas quadradas!
Quanto calor e colo perdi
crescendo institucionalizada?

Mas havia ainda nova caixa:
do colegial,
do primeiro emprego,
da merda do amor romântico,
de ter futuro,
ser popular,
ser legal...

Meu Deus, meu Deus, haja enredo.

Com tanta expectativa no lombo,
ainda dizem que jovem não tem problema.
Uns se escondem na maconha, outros na cocaína,
outros no quarto, tantas novas fobias...
E na China, na Coréia, pedem tanto desempenho:
dos prédios caem jovens como cocôs de pombo,

melenas, no chão viram desenho.

Se você parar pra pensar...

Renato, a vida te joga no antissonho...

Me diz por que o céu é azul, se ninguém presta atenção?

: agenda lotada, provas, posição, correr à frente, disparada...

Ouvi por aí que ainda posso sonhar.

Meu Deus, meu Deus,

enquanto escuto La Danza Macabra,

mãezinhas cantam para as crianças dormirem. Todas ninam.

A fila prossegue:

para o tempo de serviço,

para as férias,

pra pagar imposto,

extração do maldito siso.

Mas será que posso mesmo sonhar?

Será que posso ser pássaro dourado?

Haverá gaiola? Cadeado?

John, o tempo mexe com a gente, sim.

Eles já não têm muitas expectativas, alguns já morreram,

mas eu sonho

(quando preciso, uso alguma caixa mágica pra garantir o sono,

outra pra aprender a engolir).

Algumas horas sou de algum lá,

outras, daqui.

Lá nas sinfonias, letras, pincéis sem relógios,

sem boletos, confesso:

ando menos carrasca de mim.

É o mundo sem sonhos.

Mas há tantos mundos além da competição, da propaganda.

Meu Deus, meu Deus,

mas, enfim,

sou feliz no mundo imenso dentro de mim.

Posso ser um pássaro livre,

sem a beleza que aprisiona um canto de desgosto;

escolhi ser como um pombo, que a ninguém interessa ter em ferrolhos,

dando painço numa lata qualquer.

É bom achar-se inútil

nessa fábrica de apertadores de parafuso, ninho de psicopatas.

Ah, Deus, como é bom ter asas, cagar nas cabeças preocupadas!
Vencer é mesmo o quê?

O futuro é meu hoje.
Na vida, praça.
Sou pombo em paz.
Me basta.

E agora José?

Leonardo Francisco de Oliveira Teodoro

São Paulo (SP) – Caps III Brasilândia

E agora José?

Sentado em sua cadeira em frente ao computador, seus pensamentos estavam mais leves, fluíam como nunca antes, as Conexões sobre o que conhecia, havia estudado ou vivenciado se estabeleciam como uma rapidez desesperadora. Vivia sozinho em um apartamento com dois quartos, sala e cozinha, cedidos pelos pais. Regava a solidão com seus companheiros inseparáveis: um cigarro de maconha, e um copo de cerveja que já estava quente. Naquele momento não importava a temperatura da cerveja. Nada era melhor que estar ébrio, suas ideias se desenvolviam de forma assustadora e a sanidade era queimada como seu último cigarro. Começou a brincar com o fogo do isqueiro, via o fogo com uma intensidade colorida e acolhedora. A chama vermelha, laranja e amarela pareciam fazer parte do seu ser, então em seu raciocínio acelerado lhe sucedeu a ideia que era filho de Hefesto, Deus do Fogo.

As conexões que fazia com o fogo e sua vida eram claras como a chama. Às vezes em que foi queimado e não sentiu dor ou a vez em que pegou um isqueiro sem gás e ele acendeu, tudo aquilo tinha relação com seu “pai”. Havia um significado absurdo, não poderia ser coincidência. Uma sensação grandiosa e inebriante tomou conta das suas atitudes. Resolveu com um ato de aumentar seu bem estar propagar o tamanho da chama, primeiro ateando fogo em um caderno; logo após alguns livros onde já se formava uma pequena fogueira. Mas não era suficiente queria aumentar ainda mais o seu poder sobre o fogo. Tomado do espírito de Hefesto incendiou o sofá. O fogo tomou proporções Incandescentes, todavia não maiores que sua exaltação. Sentia-se um Deus ao meio do Incêndio.

Os vizinhos embriagados com a fumaça e mau cheiro do sofá correram a ligar para os bombeiros, polícia, alguém que pudesse ajudá-los. Na chegada os bombeiros descobriram que havia um garoto de 18 anos no prédio. O primeiro cuidado a ser tomado foi de salvá-lo, contudo o rapaz não deu importância ao alarde do povo, estava no seu momento mais extremo. O fogo fazia parte dele, de alguma forma sentia a necessidade de mergulhar nas chamas mas foi impedido pelo cabo Antônio, que momentos antes Arrombou a porta. O jovem resistiu e quando se afastou do fogo sua energia diminuiu, como se estivesse longe da sua fonte de poder. No momento de ser atendido na ambulância falava de forma acelerada enquanto conversava com um bombeiro.

- Meu Pai não vai gostar disso.
- Você ateou fogo em todo o apartamento é claro que não vai gostar.
- Estou falando do meu verdadeiro pai, Hefesto.
- Quem é Hefesto, José?
- Meu Pai.
- Tudo Bem. Quando seu pai chegar conversaremos sobre o que você fez. É muito grave.

O rapaz não esperou a chegada do pai, estava ensandecido e queria falar, pular, correr. A energia que tinha não o deixava simplesmente ficar parado, a esperar pelos familiares. Escapou pelo primeiro caminho que lhe apareceu e foi tomar uma cerveja em uma padaria próxima ao local do seu espetáculo. Pediu a cerveja e uma dose de conhaque, bebeu e gesticulou com o pessoal que estava sentado sem ser notado. Foi ao banheiro e percebeu que não tinha um centavo para pagar a conta. Autoconfiante saiu da padaria sem se preocupar com a cobrança. Qual seria seu novo destino? E antes que decidisse retornou ao balcão e refletiu sobre o que fez. “Será mesmo que sou filho de Hefesto, o que fiz gerou um grande prejuízo. Meu pai até hoje foi Luiz” - senhor muito nervoso por sinal. Enfim retornou ao caminho da rua. Não foi notado, pois a padaria estava cheia.

Começou a caminhar pelas ruas sem entender o que acontecia consigo. Em alguns momentos seus passos eram desconexos, andava com uma rapidez tamanha que horas alternava entre andar e correr. Suas ideias fluíam e dizia a si mesmo que era “herdeiro do fogo e tenho uma missão”. Foi parado pelos gritos do pai, seu Luiz.

-José venha até aqui.

Não quis travar conversa com aquele senhor que lhe parecia estranho e começou a correr até despistar o velho. Lembrou-se de uma festa de um conhecido - que não fora convidado - contudo como havia visto no Facebook e estava crente que seria aceito por se achar considerado, tomou o caminho da algazarra com esperança de manter seu estado de embriaguez. Ao chegar na festa não pode entrar e ficou furioso, deu soco na cara do garoto que o barrou, foi contido e recebeu alguns tapas e chutes. Não havia nada mais a ser feito. Ao retornar

para casa dos pais mexeu com algumas garotas e foi linchado novamente. Não sentiu a dor das pancadas tudo lhe parecia ilógico. Como poderiam bater no filho de um Deus?

Tomou o caminho mais longo, pois queria desfrutar de sua energia, se sentia tão bem consigo mesmo. Ao ver as luzes vermelhas dos carros lembrava-se do fogo, o que lhe dava mais vontade de rir. Rir não, gargalhar. Estava tomado por uma vontade de viver e isso era o importante; pouco lhe importava se tinha queimado o apartamento, onde ele deveria construir uma vida. Tinha na cabeça apenas a certeza que a vida dele iria melhorar quando ele começasse a dominar o poder do fogo.

Ao chegar na casa dos pais apanhou de novo, dessa vez do pai. Não entendia porque as pessoas não respeitavam seu objetivo, e com raiva do seu Luiz trocou a euforia pela agressividade. Fechou a mão com força e com um ato de imprudência atingiu a face do pai com um golpe, o velho caiu e a mãe vendo aquilo interveio no conflito.

- O que você pensa que está fazendo, José?

O Jovem sem controle respondeu:

- Sou Herdeiro do fogo! Coloquei fogo no apartamento porque quero está perto do meu pai, Hefesto.

José contou a história de sua consagração como herdeiro do fogo para os pais. Eles ouviram sem entender os delírios do filho. O que deveriam fazer? O jovem não se mantinha calmo e com violência pronunciava ofensas ao seu Luiz. A mãe foi forte e com destreza resolveu leva-lo ao médico. José respondeu com agressividade:

-Não estou doente! Me sinto bem ,melhor impossível .

O jovem queria provar para todos que era um ser iluminado. Aceitou ir ao hospital, onde primeiro passou por um clinico geral contra quem esbravejou suas verdades sem vírgulas ou pontos finais. O Clinico tinha as respostas para tanta besteira deferida pelo rapaz, mas resolveu passar o caso para o psiquiatra que não teve dúvida ao ver o jovem gargalhar em uma mistura de euforia com insanidade. Então disse ao jovem:

- Seu quadro é grave, será internado!

O quadro do jovem era grave. Falava sem parar e não havia sinal de cansaço ou dor pelas pancadas sofridas. Foi Internado e amarrado a uma cama, depois de receber um sedativo que mesmo sendo forte não acalmou o rapaz, que se remexia na cama com raiva e desespero.

A euforia da noite passada não passou pela manhã; acordou amarrado em um ambiente estranho e parecia que aquilo era um teste do seu pai, Hefesto. Resolveu encarar as coisas com tranquilidade e paciência. Tomou a medicação, queria seguir as regras do jogo. Contudo não conseguia se manter quieto; por vezes discutia com o enfermeiro e não parava de andar de um lado pro outro como um doido. Fazia as refeições, as atividades da clinica e sentia-se preso, sufocado pela quantidade de remédios que tomava . Em sua cabeça doentia aquilo fazia parte do seu processo de inicialização em se transformar em um verdadeiro Deus.

Passava-se uma, duas semanas e não acontecia nada daquilo que esperava , começava a se sentir iludido e perdido ao meio dos seus delírios. A cada dia que passava ele relacionava os atos da internação com seu maior desejo. Esperava soltar fogo pelas mãos, incendiar a cama com o poder da mente, tudo em vão. Sua sanidade tentava combater suas suplicas insanas e horas se perguntava: e agora José?

Com o passar do tempo os remédios começaram a fazer efeito, seu humor mudou , entrou em depressão após refletir sobre o apartamento queimado. O pai não aparecia para visitá-lo apenas a mãe, às vezes. Sua namorada e amigos não queriam se aproximar. Perderá a liberdade, sanidade, e afeto das pessoas próximas. Pelo fato de estar completamente sem controle, louco enfim. O que seria feito de José após tanta truculência?

Os médicos decidiram que José poderia voltar para casa, com acompanhamento de psiquiatra e psicólogo. José não entendia o que fora exposto era tratado como um doente. Sabia que teria que tomar a medicação, não poderia beber ou fumar isso era um estorvo. Sentia se impedido de viver, mas decidiu não contrariar o que os médicos diziam. Sua vida estava fragmentada entre antes e depois de seu surto.

O dia a dia na casa dos pais era insuportável, o pai passava por ele com indiferença, sua cabeça doía com a medicação que lhe tirava dele a vontade de viver. Não tinha autonomia nem mesmo para acender um cigarro que fumava sobre vigilância da Mãe. Por o pé na rua ? Nem pensar, tinha que passar o tempo preso. A ansiedade era grande e passava o dia caminhando dentro de casa. Ler também não conseguia, sua concentração estava destruída.

Certo dia a mãe esquecera com ele o isqueiro e foi em busca da chama que outrora dava a ele a alegria. Mas dessa vez não sentira nada. Foi deixado pela namorada, amigos, pai e agora Hefesto. Sua vida estava se acabando, a sensação de abandono tomou conta de seu coração. Não havia respostas e como ato de fúria foi buscar uma faca na cozinha, não encontrou. Queria por fim a tudo aquilo que o deixava em uma situação insuportável. Queria reestabelecer sua energia. O fogo era a fonte de sua alegria e queria terminar com isso de uma forma romântica; pegou um litro de álcool e acabou com sua agonia, queria descobrir se era realmente filho de Hefesto. As chamas consumiram o corpo do rapaz, como se nada mais importasse deixava pra trás uma vida que seria tomada pelo preconceito e falta de respeito. Deixava de ser “louco” para morrer como um Deus.

JOSÉ

E agora, José?

A festa acabou,

a luz apagou,

o povo sumiu,

a noite esfriou...

(trecho do poema “José” de Carlos Drummond de Andrade)

Sem eu mesma.

Danielle Marchioro Lima

Santo André (SP) – Caps Praça Chile

Quando eu percebi que eu mesma tinha me deixado, não fiz nada além de respirar. Me lembro apenas de estar parada naquele quarto, tão cheio de móveis mas tão vazio de mim. Quando eu mesma me deixei, era só esse momento que me importava -o agora, pois eu pensei que não havia nada que poderia preencher aquele vazio deixado pela minha própria ausência.

Pensei que, se o universo fosse misericordioso, ou talvez qualquer ser onipotente criado do imaginário humano ou não, não permitiriam que eu me movesse mais, nem falasse ou respirasse, se quer pensasse. Mas não, algo em mim se movia, agia como se eu fosse um ser vivo, mesmo eu sabendo que não havia me restado mais nada além da casca vazia que um dia me conteve, e agora tinha que continuar se alimentando e sobrevivendo, guiada talvez por funções humanas que eu desconhecia a origem, já que o próprio elo central não estava mais lá.

Quando eu mesma me deixei, pensei: Agora meu celular vai tocar. Poderia ser a operadora ou aquela empresa de advocacia que sempre me telefonava por engano e não importava o quando eu reclamasse, nunca apagavam meu número, mas o celular não tocou. Pensei então que: a campainha vai tocar, poderia ser o síndico com alguma reclamação de barulho pelos meus vinte minutos de choro alto, constante que acabou segundos depois que percebi a minha partida, mas a campainha não tocou. E eu fiquei ali, parada, sem saber como me contentar com a existência sem mim, a última lágrima solitária a escorrer vagarosamente pela bochecha, chegando a fazer cócegas, como um último bilhete meu de partida, um sinal de que eu estava realmente ali, mas que aos poucos ia se aproximando da borda de minha face, onde logo cairia e iria direto para o chão, secando e sumindo assim como eu mesma.

Quando eu mesma me deixei, o único gosto que lembro de sentir na minha boca nos primeiros dias foi o de vômito. Vômito direto, que vinha arranhando a garganta, como consequência dos dedos enfiados lá no fundo com uma gota de perfume na ponta, pra fazer tudo vir de uma vez.

Quando eu mesma me deixei, tudo que me lembro era de não ser mais eu naquele corpo, e eu não sabia mais como me sentir confortável nele, era uma concha que não me pertencia, e que eu fazia de tudo para empurrar pra fora coisas que dentro de mim, também não me pertenciam. E elas saiam, saiam em cascatas.



